

Fonte:

10 Silveira

Class.:

117

Data:

09/10/84

Pg.:

João Malato

Política indígena de atraso

O governo do Estado de Mato Grosso, segundo um comunicado ontem divulgado pelos jornais, decidiu-se a dar "um basta" nas pretensões da Funai, de ampliar sempre e cada mais, as terras consideradas como Reservas Indígenas. De acordo com o informe, vindo de Brasília, o governador Júlio Campos teve uma longa conferência com o general Venturini, ministro para os Assuntos Fundiários, durante a qual ficou assentada a reformulação de uma política mais em harmonia com os verdadeiros interesses dos Estados e Territórios comprometidos nos incidentes provocados por pequenas populações indígenas, que embarçam e retardam o desenvolvimento agrícola e pecuário das unidades federativas em questão. O gestor matogrossense ressaltou ao ministro fundiário, os enormes problemas que o alargamento dessas reservas acarretam para as frentes de colonização no seu Estado, onde, atualmente, nada menos de 13 milhões de hectares das melhores terras, acham-se em poder de nada mais do que 6.500 índios, o que significa que cada silvícola constitui um latifundiário cerca de 2.500 hectares de terras virgens e improdutivas, enquanto dezenas de milhares de colonos, do melhor padrão cultural, passam privações às margens

das grandes estradas, por falta de um lote agrícola em que exerçitem o seu poder produtivo.

O governador Júlio Campos particularizou a situação dos índios Nhambiquaras, em cuja aldeia remanescem somente 100 exemplares em vésperas de extinção, mas que, recentemente, tiveram a sua "reserva" acrescida de mais 360 mil hectares, dos quais foi despojado, pela Funai, o fazendeiro Oscar Martinez, que era um valioso elemento da produção matogrossense, e que teve de retirar o seu gado para levá-lo para o Paraná.

Não é com semelhante política fundiária, frisou o governante fronteiriço, que o Brasil conseguirá assegurar a si mesmo um desenvolvimento econômico à altura dos seus 162 anos de vida independente. Mato Grosso — disse ele — é um "Estado-Nação" de 600 mil quilômetros quadrados, dos quais 90 por cento permanecem virgens; tudo em decorrência do obstáculo sentimental e demagógico que alguns milhares de índios representam. O Estado conta apenas, com um milhão e meio de habitantes, quando comportaria até 50 milhões de indivíduos, uma parte dos quais viriam em massas cerradas do norte do Paraná, onde o desejo de transplantarem-se para Mato Grosso, é enorme, — mas esbar-

ram na política indígena nacional, que parece pretender atingir, não o terceiro, mas o quarto milênio, da era futura, com as suas vastidões territoriais inexploradas e desertas, ao mesmo tempo em que as suas metrópoles se transformam em "Cosmópolis" por falta de lugar onde alojar os seus colossais excessos demográficos.

pela primeira vez, neste país, um homem de Estado, como o governador de Mato Grosso, tem a coragem cívica de apontar um problema que, até aqui, só tem servido para alimentar refrões demagógicos. Não faz ainda dois meses que a Nação assistiu o escândalo de ver o Governo, através da Funai, desapropriar uma enorme área de 60 quilômetros de comprimento, por 40 quilômetros de largura, à margem direita do rio Xingu, e na qual estavam localizados, há dezenas de anos, 10 fazendeiros pecuaristas, todos em próspera situação, para doá-la a um agrupamento de mil índios, que já tinham o seu aldeamento no outro lado do Xingu, onde dispunham de 300 mil hectares, absolutamente incultos e improdutivos.

Esse caso ficou famoso, pela insolência e assomo com que mil parracamanes, ociosos e petulantantes, desmoralizaram as autoridades, mantendo sob seqüestro oito altos funcionários da Fu-

nai, e paralisaram uma rodovia federal, apropriando-se da balsa que transbordava os caminhões pelo leito do Xingu. E mais não lhes foi dado, porque nada mais exigiram.

Agora mesmo a Companhia Vale do Rio Doce, que constrói a Estrada de Ferro de Itaquí a Carajás, está em dificuldades com 180 índios (não mais do que 180) gaviões, instalados em uma reserva de 62 mil hectares de terras absolutamente incultas, e que já lograram uma indenização de muitos milhões de dólares, para permitirem a passagem dos trilhos da ferrovia, por uma estreita nesga do "seu" deles, território, — e agora quem o pagamento de uma certa taxa em ouro, por todo comboio, ou tonelagem de minério, que flua pela referida área. Já antes disso, esses mesmos índios — que há muito já deviam estar incorporados entre as turmas de trabalho da ferrovia ou da Eletronorte, — conseguiram que a Eletronorte lhes pagasse 43 milhões de cruzeiros para que a sua rede elétrica de transmissão da energia de Tucuruí passasse pelas suas terras. E muito mais irão exigir, na medida em que o instrumento da chantagem produz os resultados que estão produzindo.

Não foi dessa forma que os americanos fundaram a sua grandeza...

4468

Acervo
ISA